

A Relação entre a Idéia de Contexto na Teoria da Relevância e a Abordagem da Língua Estrangeira Instrumental

Walkyria Magno e Silva
UFPA - Belém

INTRODUÇÃO

Neste artigo trataremos da importância do contexto para o entendimento ou interpretação dos conteúdos de um dado texto.

Veremos as relações entre os textos e os contextos onde eles se inserem de acordo com a Teoria da Pertinência de Sperber & Wilson. Nosso objetivo é verificar até que ponto a teoria em questão pode inspirar e fundamentar atividades as quais aplicadas ao texto, venham contribuir para um menor esforço na compreensão da leitura por parte do aluno de inglês como língua estrangeira.

A TEORIA DA PERTINÊNCIA

A Teoria da Pertinência de Sperber & Wilson¹ baseia-se numa concepção hierarquizada do funcionamento mental. Para a interpretação de um enunciado não é suficiente que se entenda aquilo que o enunciado expressa explicitamente, mas também as redes de informações atomizadas que ele contém. Cada novo enunciado mexe com redes anteriormente estabelecidas. A noção de pertinência, inata e inerente ao ser humano, é de fundamental importância para o processamento dos dados no cérebro e, especialmente, na memória. Se cada qual não selecionasse aquilo que fosse importante para seu funcionamento, o cérebro conteria um sem-número de informações desorganizadas e sequenciadas impossíveis de serem acessadas. De acordo com o princípio da pertinência, a qual é um dado pré-existente,

o indivíduo seleciona os elementos que terão lugar na sua mente. Um enunciado é pertinente se ele tiver efeitos sobre o contexto em questão. Isto explica o porquê de inúmeras informações passarem ao largo da atenção e da memória das pessoas.

Outra idéia importante na Teoria da Pertinência é a da gradação. Um enunciado é tanto mais pertinente quanto menor esforço precisa ser empregado para um efeito maior (SPERBER & WILSON, 1986: 156). É próprio do ser humano fazer menos esforço para o máximo de ação. Qualquer ser humano é capaz de discernir a pertinência das informações e perceber quando uma mesma informação é importante em um contexto e em outro não. Todos os seres humanos têm intuições sobre a pertinência dos enunciados. Uma nova informação é pertinente, pelo menos a um nível mínimo, somente se ela tiver um elo com informações precedentes já existentes.

Dois condições comparativas são apresentadas como definidoras da Teoria da Pertinência. Uma é que uma hipótese é tanto mais importante num contexto quanto menor o esforço para tratá-la neste contexto. A outra é que uma hipótese é tanto mais importante quanto maiores os efeitos neste contexto. Pertinência, é portanto, uma função de esforço e efeito.

Enquanto outras teorias linguísticas tentam descrever fatos linguísticos ou interpretar o processo da compreensão e da construção do sentido, a Teoria da Pertinência não descreve nem interpreta. Sperber & Wilson tentam estabelecer as bases teóricas segundo as quais é possível se ter um melhor entendimento do aparelhamento cognitivo utilizado para interpretar a linguagem. O interlocutor é que vai interpretar um enunciado, já partindo da idéia de que o enunciado é importante para ele, e a partir daí irá procurar um contexto para aquele enunciado.

A IDEIA DE CONTEXTO NA TEORIA DA PERTINÊNCIA, A APROPRIAÇÃO DO CONTEXTO

Em grande parte da literatura, é explícita ou implicitamente colocado que o contexto para compreensão de um enunciado não é

uma questão de escolha. Em um determinado ponto da interação verbal, o contexto é visto como univocamente determinado, como dado. Além disso, normalmente se presume que o contexto é determinado antes do processo de compreensão. A presunção explicitamente expressa pelo texto é entendida como uma combinação de um contexto presente na mente do ouvinte no início do ato de fala.

Para Kerbrat-Orecchioni², o receptor depende da inter-relação das quatro competências (lingüística, retórica, lógica e enciclopédica) para entender o explícito do texto, e, mais ainda, para decifrar o conteúdo implícito do texto. Estas quatro competências, às vezes chamadas de uma hiper-competência, têm fronteiras tênues, ocasionalmente dificultando a divisão entre conhecimento das palavras, das coisas, do mundo e das relações entre as coisas. Esta habilidade de usar as quatro competências é desigual em graus variados de indivíduo para indivíduo. O leitor sem conhecimentos da L2, que precisa ler nessa língua, fica prejudicado em sua competência linguística, da qual as competências retórica e lógica dependem para estabelecer suas relações. Resta então uma excessiva carga de responsabilidade na competência enciclopédica. Será que basta?

Diante da imensidão desta tarefa de como buscar o sentido, embora o domínio da L2 seja exíguo, tem-se a Teoria da Relevância de Sperber & Wilson. Esta teoria da operação dos processos cognitivos parece apropriada para explicar o que ocorre com aqueles indivíduos que precisam da informação contida no texto e conseguem obtê-la apesar dos seus poucos conhecimentos da língua estrangeira. A relevância age como um catalisador das competências, facilitando o aprendizado. É a essência da motivação.

Para SPERBER & WILSON (1986:132), o contexto é o conjunto de traços extra-lingüísticos que compensam aquilo que não é veiculado explicitamente.

Como primeira alternativa para a explicação de como o contexto é determinado, a Teoria da Pertinência sugere que ao invés de ser previamente escolhido, o contexto, embora continue sendo univocamente determinado, possa ser construído durante a interação.

O contexto seria uma somatória das presunções expressas ou implicadas pelas interações anteriores, mais as entradas enciclopédicas ligadas a qualquer conceito usado nestas presunções, mais as entradas enciclopédicas ligadas a qualquer conceito usado na nova interação.

Na fração de interação que inicia a pequena notícia utilizada neste artigo (p. 71), podemos ilustrar o custo da determinação unívoca do contexto de acordo com a primeira alternativa proposta por Sperber & Wilson.

“What’s in a name?”

A pergunta gera uma série de camadas de implicações não explicitamente expressas no enunciado. Algumas destas assunções são: os nomes de pessoas, animais e coisas podem significar alguma coisa além deles próprios; quando uma criança nasce, lhe é atribuído um nome; habitualmente quem tem o direito de escolher o nome da criança são os pais (presunção modificada logo depois pelo fato de a notícia se passar no Japão, aqui entram as presunções sobre o papel da mulher no Japão, seu quase nulo direito de opinar sobre a família, então neste caso o direito de escolher o nome é só do pai); a criança carregará este nome para o resto da vida; este nome lhe trará bons ou maus augúrios; etc.

Com apenas estas breves linhas, podemos notar o custo, e conseqüentemente, a falta de relevância de um processo de determinação de contexto como o primeiramente sugerido por Sperber & Wilson. A relevância do enunciado se perderia sufocada pelo esforço necessário para a determinação do contexto.

As hipóteses para a construção da idéia de contexto nesta linha se sucedem, tornam-se cumulativamente mais trabalhosas até que se apresentem humanamente inviáveis, dadas as várias camadas de entradas enciclopédicas necessárias para o entendimento do enunciado. O contexto pareceria uma porção de entradas enciclopédicas que se sucedem na memória. O custo do processamento seria enorme. Esta

hipótese de construção do contexto parece bastante boa provando que não se pode construir o contexto nem prévia nem univocamente. Porém, esta hipótese é muito custosa e sobrecarregaria a memória, pois estudos já determinaram que a memória torna-se incapaz de armazenar dados além de um certa quantidade.

Uma outra possibilidade é pensar que não há nada na natureza do contexto que bloqueie a possibilidade de que a sua formação esteja aberta a escolhas e revisões durante o processo de compreensão. Isto ocorre frequentemente na construção do sentido do texto estudado em anexo, onde o contexto é definido a partir da idéia ampla daquilo que pode conter um nome qualquer até a idéia de nomes absurdos selecionados para os filhos por um pai japonês.

Sperber & Wilson não tomam o contexto como um dado pré-existente ao enunciado. Eles acham que os dados contextuais ocorrem ao mesmo tempo dos enunciados. À medida em que os enunciados são proferidos, as pessoas resgatam as presunções contextuais necessárias e pertinentes para interpretar os mesmos.

O CONTEXTO E A LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

A idéia do levantamento de presunções partilhadas a ser feito antes da leitura de um texto já é normalmente feita em aulas de leitura em língua estrangeira. Antes de iniciar a leitura de um texto, o professor solicita expectativas dos alunos a partir do título ou a partir de palavras chave do texto.

Este exercício preliminar parte do princípio de que o contexto, pré-indicado pela situação, determina o significado dos termos nele contidos. Como já discutimos na seção anterior, esta idéia engloba as teorias semântico-pragmáticas que dizem que o contexto é imposto anteriormente à determinação semântica dos termos contidos em uma dada situação. Neste caso propõe-se que o contexto é dado.

Sperber & Wilson demonstram que este é um processo muito custoso e, através de exemplos construídos a partir da linguagem oral, advogam que a mente humana não funciona desta forma. Eles sustentam então a possibilidade de uma nova visão da ordem de ocorrência dos

processos cognitivos envolvidos na compreensão. Levantam a hipótese de que o contexto, apesar de único a cada situação, não é pré-determinado ao processo de compreensão. Assim, depois de algumas entradas enciclopédicas, o falante teria uma certa escolha de contextos dentro dos quais aquele enunciado poderia ser compreendido, escolhendo o mais apropriado (relevante), i.e., aquele que tivesse o alcance maior e mais apropriado com o menor esforço. Neste caso então, a relevância é dada e o contexto é uma variável.

Nossa questão, agora, é verificar se este entendimento, primeiramente estabelecido para as interações verbais, aplica-se ainda ao texto escrito. Parece-nos que sim, uma vez que no exercício anterior ao trabalho com o texto em língua instrumental, o que se faz é um levantamento de todos os contextos possíveis a partir de uma entrada enciclopédica qualquer. A partir, daí a leitura é feita de modo a determinar qual daqueles contextos levantados será o apropriado ou mais relevante para este texto. Assim a “escolha” do contexto é única, porém não é o primeiro passo a ser dado no processo de compreensão do texto escrito, uma vez que a relevância do conteúdo do texto é pré-existente à leitura do mesmo.

O pequeno texto na página 69 servirá para ilustrar a idéia da construção do contexto, concomitantemente à leitura, a partir das diferentes entradas enciclopédicas que forem surgindo.

O título é bastante vago, mas mesmo assim já levanta duas entradas enciclopédicas: “baby name” (nome de bebê), ligado à idéia de batizado, criança pequena; e “hell” (inferno) com toda a sua carga semântica. Impossível contextualizar o texto a partir destas duas informações.

Verificando-se o co-texto onde este pequeno texto se insere, concluimos que ele aparece em uma coluna de breves notícias de diferentes partes do mundo publicadas na revista Newsweek, semanário norte-americano, de 31 de janeiro de 1994. Dos quatro textos encontrados nesta página, dois são bastante explícitos em veicular o contexto. Um, o maior, traz a palavra Chile no subtítulo; e o outro,

pequeno, na parte superior da terceira coluna, apresenta uma foto do Papa João Paulo II, o que contextualiza a notícia no Vaticano.

O texto em questão não contém fotos ou subtítulos, o que nos leva à necessidade de lê-lo a fim de descobrir em que contexto poderemos compreendê-lo.

Entre as linhas 1 e 6 estabelece-se onde o fato ocorreu (Tóquio, Japão), e o ponto de vista do pai do bebê chamado de “diabo”. Fica explicitada também a motivação do pai do bebê ao dar-lhe este nome: obter fama instantânea em um país que massifica suas crianças, esperando que a fama traga riqueza.

Entre as linhas 7 e 14 são lançadas as entradas enciclopédicas da recusa dos cartorários em registrar este nome. Instaura-se o contexto de uma briga judicial para decidir quem tem o poder sobre o nome dos filhos: os pais ou o estado. Redes de conhecimentos prévios sobre acontecimentos ocorridos com o (ou sabidos pelo) leitor virão à tona trazendo nomes estranhos e discussões sobre a convivência com nomes inusitados.

Na finalização do texto (linhas 14 a 17) os pais reenfazem seu poder decisório quando divulgam o nome do próximo filho: “Bomba”. Nem todos terão acesso à rede de conhecimentos enciclopédicos ligados ao binômio “Bomba X Japão”, mas é inegável que a contextualização no sentido dos sofrimentos trazidos pela Segunda Guerra Mundial terá um efeito muito maior, principalmente sobre a comunidade japonesa.

O contexto, portanto, será identificado de acordo com a relevância do texto para cada leitor. A relevância é um dado presente, ativo e prévio segundo o qual a variável do contexto se instaurará. O pequeno texto exemplificado pode dar vazão a uma gama de efeitos de acordo com o contexto escolhido. O fator que determinará esta escolha será a relevância, ou seja, aquilo que atuar significativamente na rede de experiências do leitor.

CONCLUSÃO

Concluindo, podemos dizer que a contextualização, segundo Sperber & Wilson, é apropriada para a leitura e construção do sentido em língua estrangeira. A contextualização é um processo dinâmico que vai eliminando redes de relações ao mesmo tempo em que estabelece relações com outros conceitos já contidos na experiência do leitor. Cada leitor aciona o contexto que for mais apropriado com o menor esforço e o maior alcance na construção do sentido. Portanto, é inútil e custoso o procedimento de tentar estabelecer o contexto previamente à leitura, uma vez que ele será constantemente reavaliado e modificado. A noção de que o contexto é dado se invalida perante a noção de que a pertinência é dada e o contexto é variável e multifacetado.

NOTAS

1- Esta teoria encontra-se expressa em *Relevance: communication and cognition*, de 1986, por Dan Sperber e Deidre Wilson.

2- Kerbrat-Orecchioni é aqui mencionada como uma exemplificação da idéia, bastante corrente entre os lingüistas, da pré-determinação do contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'implicite*. Paris: Colin, 1986.
- MAYER, Richard E. *Cognição e Aprendizagem Humana*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. *Relevance. Communication and Cognition*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

ANEXO

The Baby Name From Hell

What's in a name? Money and fame, says the Tokyo snack-bar owner who shocked Japan by naming his newborn son *Akuma*, or "devil." Shigeharu Sato says he wanted to make his boy an instant celebrity—in the hope that fame might turn to riches. Japanese officials were not amused. They have refused to register the name, arguing that the boy would face years of taunts and bullying. Sato is taking the case to court, and he will probably win. Japanese law doesn't spell out what constitutes an appropriate name. Sato says he has the right to name his child whatever he'd like. To emphasize his point, he and his wife have already picked out a name for their next baby: *Bakudan*. It means "bomb."